

um amor como nos filmes

rachel winters

Tradução de Teresa Martins de Carvalho

A quem quer que tenham dito que não é suficientemente bom
(É, sim!)

Prólogo

FADE IN¹

INT: CAFÉ GIL'S, EAST DULWICH — DOMINGO, 2 DE DEZEMBRO,
HORA DESNATURADA (10H00)

EVIE SUMMERS — 20 e muitos anos, sardenta, caracóis ruivos caindo-lhe pelos ombros, um vestido de estilo verão anos 50 amarelo-vivo, *Doc Martens* — posta-se diante do balcão, batendo o pé, claramente a transbordar de energia nervosa.

O barista estava a levar o seu tempo com o meu pedido, e silenciosamente agradeci a sua dedicação à arte de uma laranja bem espremida. Olhei de relance para o seu crachá «Olá! O meu nome é”. *Xan*. Um desses nomes que anunciam que a próxima geração já chegou, e que fazem sumo de laranja como se de uma experiência meditativa se tratasse. À medida que a fila se alongava atrás de mim, o meu sumo de laranja atingia o estado *zen*.

Por uma vez, contudo, não me importei de fazer esperar as pessoas — hoje precisava que *Xan* levasse o tempo que bem entendesse a fim de ganhar balanço para o que estava prestes a fazer.

— Quer que acrescente um pequeno extra para o tornar especial?

Só se for vodka, Xan.

— O que tem em mente?

— O ingrediente mágico... perfeito para ressacas. — *Xan* abriu a mão,

¹ Enfoque gradual, ou efeito de aparecimento progressivo de uma imagem de abertura. (N. da T.)

revelando um ovo. Fiz-lhe sinal para que o incluísse no liquidificador — de qualquer modo não planeava bebê-lo de todo.

Por esta altura, as mãos tremiam-me, o que certamente ajudaria a fazer o que eu estava prestes a engendrar parecer um acidente. Inspirei fundo algumas vezes. *És capaz de fazer isto, Evie Summers*, disse firmemente para mim mesma.

Só que, para o fazer como deve ser, tinha de conseguir o nome do tipo, e, se corresse mesmo bem, o seu número.

Verifiquei o telemóvel enquanto Xan misturava tudo e vi que a conversa do grupo JEMS estava ativa.

Jeremy: ela está a fazê-lo? Evie, Evie, Evie. Estás a fazê-lo? DIZ-ME QUE ESTÁS A FAZÊ-LO

Sarah: Mar, já escolheste os centros de mesa?

Jeremy: Sarah, o que queres é a conversa de NOIVAZILLA. Esta aqui versa coisas mais importantes

Maria: MALTA. Evie, tens a certeza de que queres fazer isto? Quero dizer, Deus, espero que o faças, mas tens a certeza?

— *Ta-da!* — disse Xan, empunhando o meu sumo. O meu estômago revolveu-se. Estava na hora.

Evie: Aí vou eu

Mesmo a um domingo tão cedo, o café no sudeste de Londres estava apinhado. Diante de mim jazia uma pista de obstáculos. Adolescentes todos catitas diretamente saídos de anúncios do *Metro* a sites de moda online para a qual toda a gente é demasiado velha. Utilizadores de portáteis fingindo que ainda não tinham acabado o café que continuavam a bebericar. Mamãs Apetitosas com miúdos-bonecos perfeitos. E ele — o Ramones.

Escolhera-o como alvo da mesa onde me empoleirara antes com o meu portátil de modo a poder ver toda a gente que entrava no café. Ele sentara-se junto à grande árvore de Natal. Vinte e muitos, giro, com barba, envergando uma t-shirt dos Ramones por baixo de uma camisa de xadrez, e mais estudante que adulto (isto é, mesmo o meu tipo).

Chegara sozinho, não usava aliança, não tinha quaisquer crianças — basicamente atingira os requisitos mínimos para um potencial interesse amoroso. Sorte dele.

Embora, para ser honesta, ele não se limitasse a preencher alguns requisitos — eu achava-o genuinamente atraente, o que me deixava ainda mais nervosa. Pois, por estes dias, a minha abordagem a conhecer alguém de quem eu gostava passava por imaginar a vida que poderíamos ter juntos e depois nunca lhe falar. *Não* o que eu estava prestes a fazer.

Emergi do aglomerado de mesas a uns passos de distância do meu alvo. Ele estava debruçado sobre o seu livro — *How Not to Grow Up!*, de Richard Herring — que me deu que pensar. Seria algo que o meu potencial interesse amoroso leria? Mas não me podia dar ao luxo de ser picuinhas, pelo que comecei a transpor a distância entre nós.

Três passos.

Dois.

Um.

Estava mesmo junto dele. Era ainda mais giro de perto.

Era agora ou nunca.

Estendi a mão com o sumo enquanto me aproximava, com o coração simultaneamente na garganta e martelando-me com tanta força contra as costelas que parecia estar a tentar escapar.

Vá lá, vá lá, AGORA!

O Ramones riu de alguma coisa que acabara de ler... e eu passei a direito por ele.

Bolas. Não conseguia fazê-lo. Mas também não podia recuar.

Porque — quem sabe? — talvez estivesse prestes a conhecer o homem dos meus sonhos. Tínhamos trocado um olhar e, nesse instante, ambos soubéramos que estávamos prestes a iniciar o resto das nossas vidas juntos, tal como num filme. Embora nesse preciso momento, empunhando um sumo de laranja com um ovo à mistura, eu não me pudesse sentir mais longe da tela.

Pusera-me a andar o mais lentamente possível, mas agora estava de volta à minha mesa. Sentara-me na mesa comum, e na minha ausência um homem e a filha tinham-se juntado a mim. Ele: 30 e tal anos, aprumado, cabelo escuro, lendo o jornal de domingo, com ar de ter as iniciais IT na designação profissional. Ela: querida, totós ligeiramente frouxos, óculos com armações vermelhas, cerca de 7 anos. Balançava as pernas enquanto lia o seu livro. Tinha a vaga sensação de já os ter visto ali antes.

Saquei do telemóvel enquanto pairava sobre o portátil.

Evie: Não consegui fazê-lo. Porque achei que conseguiria? E não é vossa

responsabilidade como meus amigos impedirem-me de fazer algo que é claramente uma maluquice?

Sarah: tu és capaz de fazer seja o que for que tiveres em mente. Embora, sim, seja uma completa maluquice

Jeremy: Evie, não te atrevas a desistir agora. Vai-te lá ao teu Hugh Grant

Maria: tu és capaz, Evie! Inspira fundo e tenta outra vez. Nós acreditamos em ti!

Jeremy: fá-lo por amor! Pelo menos, fá-lo por nós

Em geral, os meus melhores amigos eram pessoas inteligentes e sãs de cabeça, e fez-me sentir melhor ser recordada de que até mesmo eles me tinham encorajado a fazer isto.

Além disso, tinham razão. Eu *era capaz* de o fazer. Ou, antes, tinha de o fazer.

Definitivamente, já protelara o suficiente. Nessa breve pausa antes de voltar atrás, o homem sentado à minha mesa levantou os olhos para mim, como que interrogando-se quanto ao meu comportamento. Tentei fazer parecer que simplesmente me esquecera de alguma coisa e precisava de ir buscá-la. *Algo que as pessoas fazem o tempo todo, muito obrigada.*

Desta vez tomei um caminho mais curto, o que significava espremer-me através da trupe de mães perfeitamente instaladas.

Duas crianças todas bem vestidas de olhos arregalados bloqueavam-me a passagem, uma de cabelo louro-palha e a outra de cabelo escuro liso, ambas parecendo ter concorrido a um anúncio para «crianças de assombrar os seus pesadelos».

— Desculpem, tenho de passar. Obrigada. Se pudessem só... — A minha bebida transbordou-me pelo pulso e endireitei rapidamente o copo antes que mais se escapasse. *Imagine-se um Notting Hill no qual, em vez de derramar a bebida sobre Julia Roberts, Hugh Grant simplesmente lhe tivesse esborrachado o copo vazio contra o peito.*

— *Por favor*, saiam da frente — implorei baixinho. Eles sorriram. — Por favor? — disse um bocadinho mais alto, desviando o olhar para o Ramones para me certificar de que não se fora embora.

Uma das mães — loura, ironicamente envergando *mom jeans*, com a sua típica cintura subida, e ténis acabados de estrear — desviou-se da conversa com a amiga de luzidio rabo de cavalo para me avaliar.

— Tudo bem?

Fiquei imediatamente com as faces a arder.

— Tudo ótimo! Desculpe. Preciso apenas de passar.

As pessoas nas mesas próximas começaram a olhar.

A rabo de cavalo abanou a cabeça.

— Os nossos filhos tomam as suas próprias decisões. Vendetta, Justice, o que querem fazer?

Céus. As crianças olharam para mim e deram as mãos uma à outra.

A maldição de ter cabelo ruivo, pele branca e sardas é que o corpo nos atraiçoa à mais ínfima provocação. Soube sem ver que o meu peito e pescoço já deviam estar cobertos de manchas vermelhas.

— Pareces uma cenoura! Olhe, mamã, ela é uma cenoura! — exclamou a rapariga (Justice?).

A cara do rapaz enrugou-se ao lamuriar-se:

— Ela tem alguma alergia? É contagioso?

— Bem dito, Detty. Não, penso que a senhora está apenas um bocadinho envergonhada!

— Tenho medo — disse Justice.

Agora todas as cinco mães estavam a olhar para mim, pelo que forcei um sorriso, desejando ter a coragem de lhes dizer que estavam a criar os miúdos para um dia se tornarem as experiências traumatizantes de outros miúdos no secundário.

Em vez disso, com a cara e o peito ainda em brasa, desviei-me para contornar a mesa deles. As mães observaram-me a passar a custo, enquanto Justice, Vendetta e as outras Crianças do Café (presumi que os seus nomes fossem Remorso, Erro Crasso e Grave Lapso) irrompiam em risadinhas agudas.

O Ramones estava de volta na minha linha de visão. Desta vez ia definitivamente fazê-lo. Dirigir-me-ia direitinha a ele, de olhos no telemóvel como se não estivesse a prestar atenção, e acidentalmente esbarraria nele. Então teríamos uma história mesmo gira de «como nos encontramos». Um *meet-cute*.

É claro que o que acontece quando não se olha para o caminho é que é praticamente inevitável chocar-se com alguém. Só que nem sempre se pode escolher com quem.

Os cinco segundos seguintes desenrolaram-se em excruciante câmara lenta.

Cinco. Mantive os olhos no ecrã, sustendo o copo ao alto, e ganhei velocidade.

Quatro. No último momento possível, olhei para cima.

Três. O meu sorriso era tímido; os olhos deles estavam horrorizados.

Dois. Porque a sua minúscula avó acabara de se lhe juntar, e ele a agarra-va agora protetoramente contra o peito.

Um. Esbarrei nele, comprimindo-a entre os nossos corpos enquanto o sumo de laranja voava do copo.

Tudo ganhou perfeita nitidez. Afastei-me de repelão, com o coração a martelar, e fiquei aliviada ao descobrir que estavam ambos enxutos. A sua doce avozinha estava safa.

— Peço mil desculpas. Estão ambos bem?

— Não graças a si, sua vaca desajeitada — disse a avó. O Ramones fulminou-me com o olhar. Eu suspirei. Algo me disse que não estávamos destinados.

Ia para oferecer mais ajuda, mas, infelizmente, o que sobe tem de descer. E os súbitos gritos de indignação disseram-me exatamente onde.

— Justice! Estás bem? Fala com a mamã!

Oh, não. Dei meia-volta, com o copo vazio ainda na mão.

O cabelo louro-palha da pequena Justice estava agora de um berrante laranja enquanto a mãe lhe esfregava freneticamente as madeixas encharcadas; o seu rosto pontiagudo, completamente a pingar. Detty estava de sorriso arreganhado a olhar a amiga que chorava aos soluços.

— Lamento tanto, tan... — tentei dizer.

— Ela está bem? — interrompeu a mãe de Detty, de uma distância segura.

— Não, ela não está nada bem. Bolas, Janet, passa-me um toalhete.

Então algo pareceu acontecer à mãe de Justice que se virou para onde eu estava postada, agarrando o copo com ambas as mãos. Esfregou o sumo entre os dedos.

— O que, *exatamente* — disse ela para mim —, era isto?

A minha voz soou estrangulada.

— Sumo de laranja. — Ela relaxou ligeiramente. — Com um ovo.

Ela guinchou e começou a limpar a filha ainda com mais fúria, o cabelo louro com corte *bob* oscilando.

Outra mãe exclamou:

— Oh, meu Deus, Suze. Ela é vegana?

Toda eu estava em fogo.

— Posso ajudar de todo? Espere, vou buscar guardanapos. — Corri de volta à minha mesa, sentindo-me um bocadinho histérica. Tanto o pai como a filha estavam de cabeça baixa, lendo, as únicas duas pessoas no café inteiro alheias ao que se passava. Os seus guardanapos estavam na beira da mesa

mais próxima de mim. Pousei o copo e agarrei neles. Quando o fiz, a filha olhou para cima... e piscou o olho. Eu estava por demais assoberbada para reagir.

Suze sacou-me os guardanapos sem uma palavra, sustendo-os diante da boca da filha.

— Fora!

Justice deitou a língua de fora, e juro que olhou diretamente para mim ao fazê-lo. Suze começou a limpá-la, os seus movimentos pontuando as suas palavras.

— Ela. É. Alérgica. A. Ovo. Se ingerir uma quantidade ínfima que seja... — Como que à deixa, Justice empalideceu, depois soltou um soluço.

— Justice, diz à mamã que não engoliste.

A menina arrotou uma vez. Duas vezes.

Isto não ia de facto acontecer, ia? Sustive a respiração e considerei seriamente fugir do café, deixando o portátil e a mala para trás.

— Mamã, *ela* é contagiosa? — perguntou o precioso pequeno Detty.

Justice pareceu fazer menção de tossir, mas... não tossiu.

O que só pode ser descrito como um reluzente repuxo de vômito saiu-lhe disparado da boca com tal força que quando atingiu a cara de Detty, ele foi atirado um passo para trás.

Todo o café se quedou petrificado, silencioso à exceção do som ensurdecedor de Detty a pingar.

Embora tivesse sido pavoroso — verdadeiramente, inevitavelmente pavoroso — e eu me sentisse horrível enquanto o jorro de vomitado da menina mais uma vez lograva atingir o rosto virado para cima de Detty, uma minúscula, imperdoável parte de mim pensou: *E é por isto que ela se chama Justiça.*

Saí da casa de banho, onde me escondera, só depois de as mães e os seus filhos terem finalmente saído, absolutamente ultrajadas e prometendo que não voltariam. Xan dispensara com um aceno a minha oferta para o ajudar a limpar — aparentemente as mães há semanas que estavam a dar com ele e o resto do pessoal em doidos com a sua campanha contra as casas de banho unissexo. Ele até me servira um café acabado de fazer, que estava à minha espera na minha mesa. Lancei-lhe um aceno de gratidão.

O pai e a miúda ainda lá estavam — e eu com esperança de que se tivessem ido embora para não ter de os enfrentar outra vez. A única coisa sensata a fazer era beber o café, reunir as minhas coisas e nunca mais voltar.

Quando me sentei atrás do portátil, usando-o como escudo, arrisquei um relance pelo café. Sossegara mais ou menos.

Era quase como se nada se tivesse passado.

Só que este dia estaria no meu pensamento sempre que fechasse os olhos para dormir durante os próximos dez anos.

Jeremy: então??? Como correu? Sacaste o Hugh Grant?

Sarah: oh, meu Deus, Evie, diz-me que não avançaste mesmo com isso, sua píruas

Maria: Estou aqui se precisares de falar

Virei o telemóvel para baixo. Era demasiado cedo para reviver o trauma.

Pegando no café, encarei o ecrã em branco. Agora tudo o que tinha a fazer era escrever sobre o que acabara de acontecer em agonizante pormenor, razão por que, afinal de contas, o fizera.

Quando comecei a teclar, senti o peculiar desconforto de alguém a fitar-me.

A miúda. Parecia estar à espera de que eu dissesse alguma coisa. Afastei o cabelo para trás do ombro e inclinei-me para o portátil, esperando que ela se fartasse. Ela chegou-se mais a mim.

— Então? — disse, impaciente. — Que tal nos portámos?

— Desculpa? — perguntei, perplexa.

— Anette — advertiu o homem, distraidamente, puxando suavemente a filha para o seu lado. — Deixa a jovem em paz. — *Jovem!* Algo no modo como ele o disse me fez formigar. Como se fosse o único adulto à mesa.

Então, ela afastou-se dele e ele movimentou as mãos em rápida sucessão — língua gestual, constatei, avistando os aparelhos auditivos da miúda. A filha ignorou-o.

— Nós fingimos que não vimos o que aconteceu — disse-me ela. Acrescentando, presumivelmente para clarificar: — Com o vomitado.

O pai parecia fascinado com a secção de viagens.

— Foi tudo ideia *dele* — continuou ela. — Ele disse que já estarias demasiado envergonhada. — O homem virou a página. — *Então?* Portámo-nos bem? — Levei um momento a responder. Sabia que me deveria sentir mortificada, especialmente porque o pai claramente pensava que eu era uma idiota, mas a sinceridade dela era tocante.

— Portaram — assegurei-lhe eu. — Obrigada. — Ela abriu-se num sorriso, embora o pai permanecesse focado no seu jornal. Provavelmente com

dó das famílias que eu acabara de traumatizar. — Mas por muito mau que tenha sido para mim, ainda foi pior para eles. Para aquelas pobres crianças, e as suas mães...

Ela já estava a abanar a cabeça, as pontas dos seus totós tocando-lhe os óculos.

— Eles são *literalmente* nossos inimigos mortais. Andamos há *semanas* a tentar pensar em maneiras de fazer com que deixem de cá vir.

— Aposto que não pensaram nesta — disse eu retorcidamente.

Ela abriu o sorriso.

— Eu sou a Anette — apresentou-se. — Este é o meu pai. — Deu-lhe uma cotovelada.

Após uma ligeira pausa, ele estendeu a mão.

— Ben — disse rigidamente.

— Evie — repliquei, brindando-o com o meu melhor sorriso de pessoa completamente normal. A minha mão foi brevemente engolida pela sua antes de ele voltar ao seu jornal.

Anette inclinou-se para diante, perscrutando-me como se eu fosse a coisa mais interessante ali dentro.

— Foste a melhor coisa que aconteceu aqui em séculos — declarou.

— Isso é muito querido — repliquei, decidindo tomar aquilo como um cumprimento. De algum modo não achava que o pai concordasse. — Mas hoje foi um dia completamente excepcional, prometo. Eu *nunca* faço coisas destas.

Fosse por que razão fosse, isto mereceu toda a atenção de Ben. Olhou para mim, os olhos castanhos velados lampejando como que de divertimento.

— A sério? — disse. — Então porque foi esta a segunda vez que a vimos entornar a sua bebida sobre alguém neste café?

Duas Semanas Antes

1

Código Vermelho

INT: UM BAR NUMA CAVE NO SOHO — SEXTA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO, 22H00

EVIE está entre uma pequena multidão de jovens na casa dos 20, bem vestidos, com um copo de plástico amachucado de vinho branco da casa na mão, assentindo ritmadamente à conversação à sua volta. Consulta o telemóvel, demasiado bebida para ser tudo menos tão discreta como se julga.

Sarah: vou enviar-vos a todos um email com a apresentação para vos ajudar na sessão de planeamento do próximo fim de semana. Estejam atentos às vossas caixas de entrada!

Maria: a sério que não nos importamos de planear nós mesmos a tua despedida de solteira

Jeremy: o que não quer dizer que não nos importemos de planear a tua despedida de solteira

Sarah: mas assim SABERÃO que eu vou adorar. Já que estamos no meu casamento, podemos falar da tua situação de pendurada, Evie?

Deslizei o telemóvel novamente para dentro da mala. Sarah andava a tentar fazer-me falar da minha situação de «pendurada» desde o seu noivado. Como se eu tivesse alguma espécie de moléstia que andasse a ignorar.

Quando dirigi a minha atenção de volta para as duas jovens dolorosamente na moda que estavam comigo no bar, reparei em duas coisas: 1) A linda e imaculada pele de bebé intocada de preocupações. E 2) Que eu estava

bem mais bebida do que julgava, apesar de me ater à minha regra rígida de três bebidas.

Aquilo era a maldição dos copos de assistentes. Uma vez por mês, todos os assistentes que trabalhavam em agências de talentos para televisão e cinema encontravam-se num bar diferente mas igualmente horrível no centro de Londres para se «enturmarem» (isto é, ficarem a par dos últimos mexericos). Nunca havia comida disponível nestes eventos, embora houvesse sempre abundância de um tipo muito específico de vinho branco (o mais barato). Só podia partir do princípio de que todos os demais presentes eram demasiado jovens para terem passado por ressacas de adultos, e portanto abençoadamente ignorantes quanto ao que significa acordar sentindo que se tem cada um dos seus 29 anos de vida escarrapachado na cara.

Quanto a mim, por outro lado... tinha uma sanduíche de ovo na pasta que estava morta por comer, mas ainda não encontrara o momento apropriado. Conquanto o meu lado prático me dissesse que precisava de alguma coisa para forrar o estômago, também admitia que as pessoas normais provavelmente não levam as suas próprias sanduíches para eventos do género.

Uma das raparigas, Jodi, varreu a cortina de cabelo louro da cara e brindou-me com um sorrisinho que me fez sentir como se fosse *eu* a miudeca. Tive a sensação de que acabara de me fazer uma pergunta. Era assistente numa das maiores agências de talentos do ramo, e uma dessas pessoas que colecionavam mexericos como se fossem moedas.

— O que foi, desculpa? — Apertei o copo de plástico com força. Não fora assim há tanto tempo que tivera alguém ao meu lado nestes eventos.

— Estou a dar uma volta por aqui com a jovem Geraldine para a apresentar aos miúdos que interessam — disse Jodi. Ela tinha um desses sotaques londrinos arrastados que me faziam sentir mais nortenha a cada sílaba.

Virei-me para a adolescente de óculos redondos. Tinha a maior parte do cabelo comprido apanhado num coque despenteado, deixando o restante solto numa espécie de ondas emaranhadas que diziam «*Vejam* só como eu me estou a ralar para a minha aparência». Por baixo das jardineiras usava uma t-shirt branca com «GRETA GERWIG»² a toda a largura em grandes letras pretas. Quis imediatamente uma, embora jamais fosse suficientemente fixe para a usar.

— Com quem estás a estagiar? — perguntei.

² Atriz, guionista e realizadora nomeada para o Óscar de melhor realização de 2018 pelo filme *Lady Bird*. (N. da T.)

Fez-se um momento de silêncio.

— Evie, sua tansa — riu-se Jodi. — Ela é assistente.

— Mas é uma miúda! — Fechei bem a boca, como se isso pudesse de alguma forma retirar o que dissera.

Geraldine deixou escapar uma risada grave e gutural e pousou a mão no peito.

— *Obrigada*. Para assistente, sou quase pré-histórica. — Baixou a voz para um sussurro. — Na verdade, tenho 23 anos. Estava com medo de que alguém me achasse demasiado velha.

— Não pareces nem um dia mais que 21 — foi a resposta automática de Jodi. Tive ganas de agarrar Geraldine pelos ombros e dizer-lhe que era tão nova que estava praticamente novinha em folha por estrear. Em vez disso, bebi outro golinho do meu vinho.

— A Geraldine está na Geoffrey e Turner — disse Jodi, com uma ênfase que eu estudadamente ignorei.

A Geoffrey e Turner era uma pequena mas respeitada agência de guionistas para cinema e televisão. Uns anos antes tinham sido a rival direta da Agência de Guionistas William Jonathan Montgomery & Filhos. Mas nos últimos tempos tinham-se tornado a agência de eleição para escritores em busca de prestígio, e nós tínhamos... Bem, um dia havíamos de encarrilar de volta à pista.

— Um dos novos colegas de Geraldine, Ritchie, é um velho amigo teu, não é, Evie? — insistiu Jodi. Nada lhe escapava. Desde que descobrira que eu o conhecia dos tempos em que era o velho e simples *Ricky*, nunca perdia uma oportunidade de desenterrar mais informação. O meu ex era o que é conhecido na indústria como um unicórnio, isto é, solteiro. O que o punha firmemente no radar de mexericos de Jodi. Eu poderia ter-lhe dito que Ricky era o tipo de homem que nos fazia sentir a pessoa mais sortuda do mundo. Até deixarmos de ser o que ele queria. Em vez disso, mantive o sorriso, não lhe dando nada, como de costume.

— O Ritchie é espetacular — disse efusivamente Geraldine. — Tenho a certeza de que não tardará a passar a agente. Tudo nele diz «ascensão meteórica».

— Bem, dificilmente permaneceria assistente para sempre — disse Jodi, e pousou-me uma mão no braço. — Não te preocupes, lá chegarás. Tu tens simplesmente uma situação única.

Jodi não estava errada, mas não era isso que me incomodava. *Eles não o vão promover mesmo já, vão?* Senti um aperto na garganta.

— Onde trabalhas? — perguntou-me Geraldine. Suspirei, despachando o assunto. Ela iria descobrir mais cedo ou mais tarde.

— William Jonathan Montgomery & Filhos — disse.

Os olhos de Geraldine arregalaram-se.

— Oh, és *essa* Evie.

Quando se era a assistente mais antiga em funções na indústria, a notícia tendia a passar de boca em boca.

Foi um alívio quando elas decidiram que precisavam de reabastecer e se dirigiram de volta ao bar. Saquei novamente do telemóvel, desejando que já fosse a próxima sexta-feira e os meus amigos ali pudessem estar. Por vezes os quilómetros que nos separavam pareciam não ter conta.

Evie: AJUDEM-ME ESTOU RODADA DE CRIANÇAS

Maria: onde estás?

Evie: copos de assistentes

Evie: *RODEADA de crianças

Jeremy: o Reco está aí?

Evie: não. Ele agora só socializa com agentes

Sarah: é bom para ela. É BOM PARA A TUA CARREIRA, EVIE

Jeremy: mais baixo, Sarah

Maria: és uma agente em tudo menos no nome, Evie. Já marcaste presença. Porque não vais para casa? Cuida de ti

Guardei o telemóvel sem responder a Maria. Por mais difíceis que às vezes achasse estes eventos, tinha de os frequentar se é que acalentava alguma esperança de um dia progredir para além de assistente. Toda a gente estava aqui com o mesmo propósito: desesperado por dizer a coisa certa, falar com as pessoas certas, fazer essas importantíssimas ligações. Eu já me sentira assim, nos tempos em que me mudara para Londres. Só que não pelo facto de ser agente.

Se o meu pai me pudesse ver agora.

Ficaria orgulhoso, sabia-o; apenas ficaria surpreendido por me ver deste lado da indústria. Querendo representar escritores, em vez de ser uma. Perguntar-se-ia o que acontecera à rapariga que declarara, aos 12 anos, que ia ser a próxima Nora Ephron ou Dorothy Taylor, que agia como se escrever fosse um alimento essencial, ou ar. Claro está, jamais saberia o que o primeiro agente a quem eu mostrara o meu trabalho me dissera.

Simplesmente não tens aquilo que é preciso.

Fui percorrida por um ligeiro arrepio. Normalmente era capaz de suprimir quaisquer pensamentos sobre os tempos em que escrevia, mas algo nesta noite tornara isso mais difícil. *Sete anos como assistente. Feliz aniversário, Evie.* Ainda assim, dizia sempre para mim própria que tinha sorte. Não podia seguir o meu próprio sonho, de modo que agora ajudava outros guionistas a seguir os deles. Tudo teria valido a pena assim que fosse promovida a agente. Monty sempre me dissera que ainda não estava bem no ponto. Simplesmente tinha de arranjar maneira de lhe fazer ver o estofado de que era feita.

Espremi-me até ao bar para junto de Jodi para largar o copo vazio, mesmo a tempo de apanhar o fim do que Geraldine estava a dizer.

— Eu *nunca* ficaria num emprego assim tanto tempo. — Subitamente, viu-me. — Sem ofensa — acrescentou rapidamente.

— Não é culpa da Evie — disse Jodi. — O patrão dela, Monty, é... digamos uma farsa. — Ericei-me ao ouvir aquilo. Monty era o que se costumava chamar na indústria como a Velha Guarda. Um dos últimos bastiões dos tempos em que a maioria dos contratos era selada nos bares de clubes privados. Ele ainda era capaz de seduzir um produtor quando precisava, mas o mundo avançara. A onda de entusiásticos jovens que dera entrada na indústria vinha toda com um entendimento inato de *conteúdo*. Uma palavra que dava urticária a Monty.

— Ele é brilhante no que faz — disse eu, sabendo que estava a defender a minha própria experiência tanto como a dele.

— Todos sabemos a verdadeira razão para lá ficares, Evie. A pica do lugar. — Só a expressão que Jodi usou escancarou a nossa diferença de idades para um fosso. — Um certo guionista oscarizado que Monty deve ter bem atascado para o ter na mão há tanto tempo.

Jodi sabia de todos os escritores-troféu por questão de princípio. Embora houvesse umas quantas coisas que nem ela sabia acerca do cobiçado cliente de Monty.

Os olhos de Geraldine reluziram.

— Não estão a falar do Ezra Chester, estão? *Oh, meu Deus*, que tal é ele? É tão brasa como parece no *Instagram*? É tão *querido* ele andar com a Monica Reed. Ela é uns bons *dez* anos mais velha do que ele, coisa com que ele não se importa nada. Como está a ir o seu grande filme? Ele não doou metade dos seus honorários para caridade? Conta-me *tudo*.

Ezra tornara-se o menino querido da indústria depois de ganhar um Óscar pelo argumento de um filme há três anos, mas só quando começara a sair com a vedeta de Hollywood Monica Reed é que granjeara estatuto de

celebridade. Graças a aparecer em várias páginas de mexericos e listas top, a sua conta de *Instagram* tinha agora mais de trezentos mil seguidores. O facto de ele parecer ter mais que ver com o ecrã do que com os bastidores também ajudava.

— Não posso mesmo dizer grande coisa a respeito do filme — disse, sorrindo para amenizar as minhas palavras.

— És hilariante, Evie — disse Jodi, e de súbito eu estava de volta ao secundário, a ser escarnecida por levantar a mão na sala de aula. — Aqui somos todas amigas. Podes pelo menos dizer-nos se os rumores são verdade. O grande Ezra Chester está com um bloqueio criativo, não está?

— Nem de longe — disse eu, tentando ignorar como a palavra «amigas» me provocara um aperto no peito. Víamo-nos uma vez por mês há mais ou menos um ano, desde que Jodi se iniciara como assistente. Qualificar-se-ia isso como amizade? Parte de mim tinha esperança de que sim, pois, desde que me mudara para Londres, descobrira que fazer novos amigos fora do trabalho era praticamente impossível. E, no entanto... da única vez que nós duas saíramos para beber um copo, eu baixara a guarda e contara-lhe uma coisa pessoal. No dia seguinte, uma assistente que eu não conhecia enviou-me um email a recomendar o seu terapeuta de luto. Nunca mais voltámos a sair.

— As suas obras de caridade tomam-lhe provavelmente mais tempo de escrita — disse Geraldine compassivamente. — Ele acabou de passar um mês na América do Sul de modo a poder conhecer todas as crianças para as quais angaria dinheiro. Não sei como é que consegue.

— Nós perguntamo-nos o mesmo — disse eu neutralmente, pensando nas artísticas fotos das vinhas que ele também lograra visitar.

— Conta-nos alguma coisa que nós *não* saibamos a respeito do Ezra, Evie — disse Jodi, arregalando os olhos, como se Geraldine nos tivesse irritado às duas. Co-conspiradoras.

— Bem — disse eu, ainda de cabeça azamboada de tanto vinho barato num estômago vazio. — A verdade é que o Ezra... — Vi Jodi sustar a respiração. O meu telemóvel zumbiu.

Fiz uma pausa, constatando quão fácil seria contar-lhes demais; tudo o que tinha a fazer era explicar porque é que os meus amigos na minha terra lhe chamavam NOB. Arruinando a sua reputação e a da agência de uma assentada. Para grande consternação delas, levei a mão à mala, tirando a sanduiche para fora para chegar ao telemóvel. *Oh, que se dane.* Abri o embrulho e dei uma generosa dentada. As pessoas que pensam que ser agente é uma carreira

glamorosa nunca me viram apanhar o último comboio para casa com um pão nos braços para poder comer torradas na cama.

Jodi aclarou a garganta, parecendo embaraçada por mim.

— Então? Vá lá, Evie, conta-nos.

— OK — cedi. — A verdade é que... — Fiz uma pausa para rapidamente acabar a sanduíche. Elas deram um passo impaciente para se aproximarem de mim. — Digamos que o próximo projeto dele vai surpreender todos.

Pausa. As caras delas a transbordar de incredulidade.

— Pois — disse Jodi categoricamente, e desta vez fui eu deixada de fora quando ela e Geraldine trocaram olhares.

É isso que tem ser-se assistente durante sete anos. Tornamo-nos mesmo, mesmo boas a fazê-lo.

Ezra bem podia ser um NOB, mas ninguém ali iria jamais descobrir porquê.

Enfiei o embrulho vazio na mala e recuperei o telemóvel. Tinha várias chamadas não atendidas de Monty. Conhecendo-o, poderia ser qualquer coisa, desde uma crise com um cliente até querer um fato limpo a seco.

Por uma vez, senti-me grata que ele desse tanto trabalho.

— Lamento muito, mas tenho de sair a correr. Precisam de mim no escritório.

Geraldine viu as horas no seu relógio à prova de água *Baby-G*.

— Mas já passa das dez da noite! — disse, desorientada. — De *sexta-feira*. Lancei-lhe o meu mais doce sorriso.

— Bem-vinda ao trabalho de agente.

— Código Vermelho. Emboscaram-me. — A voz de Monty era um sussurro mas ecoava estranhamente. — Disse-lhes onde eu estava esta noite?

— A quem? — Esquivei-me por entre as multidões de sexta-feira à noite na Dean Street.

— Sam-e-Max. Eles estão aqui. — Sam-e-Max eram os produtores do novo guião de Ezra. Faziam tudo como se fossem uma só pessoa, qual hidra que alguém tivesse tentado matar que meramente se tivesse dividido em duas e continuasse a sua vida como sempre. Eu jamais conhecera duas pessoas mais entusiasticamente corteses. Parecia improvável que abordassem Monty sem qualquer aviso.

— Está no Ash?

— *Aha!* — sibilo ele. — Então, *disse-lhes* que eu estaria aqui.

Mordi a resposta que tinha na ponta da língua. Monty estava sempre no clube privado; praticamente mudara-se para lá. Passava mais tempo no Ash do que em casa, e quem quer que soubesse sequer a mais ínfima coisa a seu respeito não o procuraria no escritório.

— E limitaram-se a aparecer os dois?

— Sim, nem sequer telefonaram primeiro. — Um ruído afogou as suas palavras seguintes. *Aquilo era um autoclismo?* Tem de vir já para aqui. Código Vermelho, Evelyn.

Monty concebera um sistema de código de necessidade da minha ajuda quando estava com clientes para que eles não percebessem que ele estava a pedir a minha assistência. Amarelo significava «preparar para ação». Verde era para pequenas urgências. Reserva de táxis, esse tipo de coisas. A gravidade de uma situação Código Vermelho era imprevisível. A última envolvia um cliente engasgado com uma almôndega, e Monty estava demasiado bêbedo para se lembrar de que eu fora passar o fim de semana a casa e não podia levar a cabo a manobra de Heimlich estando em Sheffield. O cliente, apesar disso, sobrevivera.

— Preciso de uma evacuação. — Também era de levar em conta que Monty podia ser dramático. Trabalhávamos com guionistas, não com espões. — *Merda.* — Por uns segundos, ouvi apenas vozes de mulheres em segundo plano.

— Monty? Está tudo bem?

— Espere aí — sussurrou ele. As vozes desvaneceram-se. — Venha tirar-me daqui!

— Vou a caminho. Em que sala está? — O clube ficava situado em Mayfair e os seus sete pisos incluíam uma piscina na cobertura e um *spa*.

Monty balbuciou qualquer coisa sobre falatórios uterinos.

— Desculpe, acho que não percebi.

— Eu disse que ESTOU NA CASA DE BANHO DAS SENHORAS.

— Então, hã... saia? — sugeri prestativamente.

— Adoraria, só que estou ENCRAVADO, Evelyn. Estou *encravado*, raios!

Enquanto me encaminhava para o metro, congratulei-me imensamente por ter comido aquela sanduíche de ovo. Algo me dizia que era bom que estivesse sóbria para isto.

Encravado

INT: BAR DO TERCEIRO PISO, THE ASH, CLUBE PRIVADO –
SEXTA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO, 23H02

A paleta de cores do bar é ironicamente alegre e garri-da. Veem-se várias latas metálicas de filmes no teto das quais pendem bobinas com rolos de película. Uma cortina roxa com borlas verde-lima separa o bar e o restaurante. Um funcionário louro num imaculado uniforme de portei-ro-arrumador está posicionado junto à cortina. Afasta uma tira de filme da cara com uma sopradela e parece estar à escuta.

— Por favor, *tenho* de atravessar o restaurante sem ser vista.

O funcionário louro apertou as mãos, sorriso ameno e ensaiado, bem-versado em lidar com as excentricidades da clientela do Ash.

— Menina Summers, percebo que seja assistente do Monty, mas isto é muito pouco ortodoxo. Não desejaríamos perturbar os outros hóspedes.

Monty era membro fundador do clube, daí o uso do primeiro nome, de modo que o pessoal sabia quem eu era, embora ele não pagasse quota de filiação adicional. Como não-membro, os meus direitos eram limitados. Dei o meu melhor para parecer alguém digno de ajuda.

Dado que estava de momento envolta numa cortina, tal não se revelou fácil.

Do meu posto de observação podia ver Sam-e-Max sentados a uma mesa de cada lado de uma cadeira vazia que parti do princípio ter sido ocupada por

Monty antes de os ter visto entrar na sala e se ter ido esconder na casa de banho mais próxima.

Se os produtores me vissem, teriam a certeza de que Monty ainda estava no edifício. De alguma forma, precisava de passar por eles e ajudar Monty a escapar sem que eles dessem por isso.

— É bem-vinda a sentar-se no bar enquanto espera pelo Monty.

Abracei o tecido ainda mais contra mim, tentando desesperadamente decidir o que fazer. Os produtores só podiam estar aqui por uma razão. Há dezoito meses, Ezra Chester assinara um contrato com a promissora empresa cinematográfica de Sam-e-Max, a Intrepid Productions, para escrever o seu próximo filme — uma comédia romântica. Eles queriam o mais badalado novo talento por detrás do projeto. Deram entrada Ezra e os seus louros de oscarizado. O facto de esta comédia romântica vir na sequência do seu grande sucesso, o derradeiro arranca-lágrimas *Coração em Sangue*, mais sedutora a tornava.

Quando o prazo original passara a voar, e sem sinal do guião, tinham sido muito compreensivos, especialmente quando Monty lhes explicara que a avó de Ezra acabara de falecer. Mas então Ezra falhara o prazo seguinte, e o seguinte... e os produtores acabaram por puxar pelos seus galões.

Desde então, Sam-e-Max tinham vindo a dar caça ao guião com um entusiasmo que raiava a agressividade. Ao vê-los agora, vestindo fatos azuis idênticos, com preocupação nos rostos insipidamente bem-parecidos, interroguei-me porque estariam eles tão ansiosos por encontrar-se com Monty para terem quebrado a sua regra cardinal (nada de encontros-surpresa). Seria porque o que Ezra conseguira escrever era de facto horrível? Uma minúscula parte de mim tinha esperança de que isto fosse verdade...

Porque havia uma coisa que Sam-e-Max não poderiam saber acerca do seu bem-amado guionista. A mesma coisa que eu jamais contaria às Jodis ou Geraldines deste mundo.

A verdade era que Ezra Chester — galardoado pela Academia, caridoso galã e menino querido da indústria — era um arrogante, insuportável asno.

Os meus amigos tinham dado em chamar-lhe Number One Beto (NOB, para abreviar) depois de ele ter saído de rompante de uma reunião porque eu me tinha enganado no café que ele pedira e depois se recusara a voltar até Monty lhe prometer uns cocktails. A reunião versava as suas obras de caridade a favor de crianças desprivilegiadas, várias das quais se encontravam na sala na ocasião. Às competências de RP de Monty se devia o facto de as obras de caridade de NOB terem toda a gente iludida quanto à sua verdadeira

natureza. Mas eu tinha de ser incrivelmente cuidadosa para jamais lhe chamar NOB na sua enfurecedoramente bela cara.

Pensar nele deu-me uma ideia.

— Prometo pôr-me a andar, se não se importarem de fazer uma coisinha pelo Monty — disse, porque o funcionário seria incapaz de recusar fosse o que fosse a um dos membros fundadores do Ash.

Ele pareceu simultaneamente aliviado e aflito.

— Não posso fazer nada que incomode os outros sócios — advertiu.

— Olhe. — Tentei conter o desespero na minha voz. — A verdade é que se eu lixar isto, o meu patrão usá-lo-á como mais uma razão para não me promover. *Por favor*. — Cheguei-me a ele o mais que a cortina permitia. — Pareço-lhe o tipo de mulher que tem outras opções?

Ele abanou a cabeça — *insultuoso* — e eu lancei-lhe o que esperava que fosse um sorriso tranquilizador antes de explicar exatamente o que precisava que ele fizesse.

— O Sr. Montgomery está aqui? O Sr. Chester acabou de chegar e está à espera na zona VIP lá em baixo.

O funcionário estava a uma distância suficiente para ser ouvido por Sam-e-Max enquanto falava com o colega.

— Vá lá, vá lá — rezei.

Vi-os endireitarem-se nas cadeiras, trocaram um olhar, porem-se em pé, e dirigiram-se como um só na direção em que eu estava escondida. Encolhi-me atrás da cortina, uma das suas borlas fazendo-me cócegas no nariz.

Os passos deles desvaneceram-se pelas escadas abaixo e eu contei até dez antes de me esgueirar e dirigi-me para a porta do lado oposto da sala, tentando não me sentir tão deslocada como devo ter parecido com o meu cabelo desgrenhado e as minhas *Doc Martens*.

A casa de banho das senhoras estava iluminada por uma espécie de luz vagamente apologética destinada a fazer-nos sentir que dávamos entrada em algo ilícito. Conseguia apenas divisar azulejos cor-de-rosa biselados, muito inox e produtos que provavelmente custavam mais do que o ordenado de um mês.

Apenas um compartimento estava ocupado.

— Monty? — chamei, hesitante.

— Evelyn? O que a fez demorar tanto? — O sotaque cortante de Monty continha o seu quê de histeria.

— Já pode sair, o campo está livre.

— Sim, porque não pensei eu nisso?!... — Martelou na porta do lado de dentro. — Isso mesmo... estou encravado.

Por momentos, ambos empurrámos para trás e para a frente, o que apenas deu para mostrar que ele estava certo.

— Acho que é a fechadura — disse Monty.

— Vou ter de chamar alguém.

Monty emitiu um som estrangulado.

— Vou ser o falatório do clube! Não pode forçá-la um bocadinho...? — Calou-se quando a porta de entrada se abriu. Uma senhora de idade entrou com ligeireza. Sorri-lhe e saquei do telemóvel para enviar uma rápida mensagem para o JEMS, na esperança de que alguém estivesse acordado após a meia-noite.

Evie: alguém sabe como desemperrar uma porta de casa de banho?

Jeremy era solicitador e frequentemente trabalhava a desoras. Maria era editora de uma revista mensal de culinária, um emprego que raramente necessitava de noitadas, a não ser quando ela deixava massa a fermentar. Sarah trabalhava em RH e saía às 17h30 em ponto, pois as suas competências de gestão de tempo eram uma força a ter em conta. Estaria provavelmente a dormir a sono solto.

Vi uma resposta surgir e quase desfaleci de alívio — até a ler.

Jeremy: emperrada com quê?

Evie: 😬 ainda estás a trabalhar?

Jeremy: só para alguns dos meus clientes grátis. Um sem-abrigo preso por estar a pedir à porta do M&S. Graças a Deus, um polícia diligente evitou tão terrível crime

Jeremy: espera, estás emperrada numa casa de banho?

Evie: não sou eu. Monty

Jeremy: ...

Evie: para de rir, por favor. Isto é sério

Jeremy: desculpa. Se a Sarah estivesse acordada, provavelmente teria algumas soluções irritantemente úteis. Já tentaste pôr sabonete nas dobradiças?

Evie: neste momento, tento qualquer coisa

Jeremy: podias tentar deixá-lo aí.

— Importa-se? — Levantei os olhos do telemóvel para dar com a mulher a sorrir e a apontar para o meu lavatório. Reconheci-a então. Era uma Dama, acima dos 70, e ferozmente chique. Pescoço e ombros tesos como carapaus, cabelo branco curto, e vestuário solto e fluido, com um lenço de seda elegantemente dobrado sobre um ombro. Exalava graça e pose. Pestanejei para ela, assombrada, depois constatei que ela continuava à espera.

Recuei.

— Desculpe, só estou à espera da minha amiga.

O inconfundível som de um homem a urinar encheu o espaço. A senhora levantou os olhos da operação de retocar o batom e eu estudei atentamente a ponta da minha trança. O barulho continuava.

É claro que Monty havia de ficar encravado exatamente no lugar em que precisar de ir à casa de banho não fosse de todo um problema e ainda assim escolheria passar à ação na pior altura possível.

E a ação perdurava. E perdurava. A mulher era basicamente uma rainha do cinema, e neste preciso instante tinha de estar a ouvir Monty a esvaziar a bexiga.

O mais ínfimo gotejar proveniente do compartimento ecoou por todo o espaço. Finalmente... finalmente... o som foi-se extinguindo. A senhora tapou o batom antes de se voltar para sair, e, cheia de estilo, encaixou a mala debaixo do braço.

Deteve-se com uma mão na porta. *Oh, Deus.*

— Às vezes — disse a Dama —, simplesmente temos de nos aliviar a sério.

Quando a porta se fechou atrás dela, descontrei contra o lavatório e deixei sair uma risada fungada.

— Não estou a ver a graça disto — disse Monty.

— Desculpe, estou só a tirar sabonete para pôr nas dobradiças, mas...

— Seja o que for que está a fazer, faça-o rapidamente.

— Mas será o sabonete realmente a nossa melhor...

— Já, Evelyn.

Tirei o requintado frasco de sabonete líquido da prateleira e dirigi-me ao compartimento. Enquanto procurava as dobradiças da porta, decidi tirar vantagem do facto de literalmente ter uma audiência cativa.

— Monty — disse. — Porque não se quer encontrar com Sam-e-Max?

Silêncio no compartimento.

— Tem que ver com o que ele escreveu? — Ele dissera-me que NOB estava a fazer progressos. Mas nem pensar em deixar-me a mim ler o rascunho.

— Afinal, pode chamar ajuda.

— Sam-e-Max estão lá fora, mas se acha que é a melhor coisa a fazer...

— Não, não — apressou-se ele a dizer.

— Para que querem eles encontrar-se consigo, Monty? — perguntei gentilmente, deitando o líquido nas dobradiças.

Uma longa pausa.

Pressionei a porta, resmungando:

— Está *tão* emperrada. Devia mesmo ir procurar ajuda...

Do compartimento soou um pesado suspiro. Ouvei o ranger da sanita quando Monty se sentou.

— Eles querem que o Ezra assine uma adenda declarando que entregará o guião completo dentro de três meses. Não aceitarão parcelado; eu tentei. Falaram em advogados.

Era uma oferta generosa, no que respeitava a ultimatatos, especialmente considerando que andavam com rodeios há mais de um ano. Monty assegurara a toda a gente que NOB estava a escrever, por isso qual era o problema? Talvez NOB se tivesse ofendido com a formalidade. Todos os outros adiamentos tinham sido «acordos de cavalheiros».

— O Ezra está a oferecer resistência? — Havia uma minúscula abertura entre a porta e a moldura do fecho, e já conseguia divisar a lingueta. Besuntei-a também de sabonete.

Outra pausa.

— Não quis arriscar-me a reprimir a criatividade dele mencionando o novo prazo.

Tradução: Monty acobardara-se e não dissera a NOB que já não podia levar o seu tempo... Inspirei fundo.

— Ele não sabe que só tem três meses para terminar o guião?

— É pior do que isso, Evelyn — disse Monty, já irritado. — Se ele não cumprir, eles querem o dinheiro de volta, todo. Se isso acontecer, estamos lixados.

Franzi o sobrolho. Podia ser mesmo tão mau assim? Ao longo dos últimos anos, enquanto Monty devotava cada vez mais do seu tempo a manter a benevolente imagem pública de NOB, eu tratara da maior parte das negociações da agência. Estava consciente do que faturávamos, ainda que Monty mantivesse a maior parte das finanças da empresa para si mesmo.

— Julguei que estávamos a faturar bem — disse, tentando apagar a frustração da minha voz. Se ele me tivesse promovido a agente, poderia ter ajudado mais.

— Já devia saber mais sobre como o negócio funciona, por esta altura,

Evelyn. — Engoli a indignação, sabendo por experiência que nada teria a ganhar ao salientar que ele propositadamente suprimia informação do meu conhecimento. — Estamos a ser espremidos por agências maiores a cada dia que passa. Já não há espaço para simples indivíduos. O Ezra é o nosso trunfo, e sem ele estamos feitos. Ficamos ambos desempregados se ele não cumprir.

— Ficamos o *quê*? — Apertei o frasco com demasiada força e o dispensador soltou-se. O frasco deslizou-me dos dedos, ressaltando nos ladrilhos escuros de ardósia e esparramando o seu conteúdo por todo o lado.

— Não há guião — enunciou Monty —, não há emprego.

Por um momento quedei-me simplesmente ali, absorvendo isto, com o sabonete pingando-me dos dedos. Após aquele tempo todo, sentia a agência como casa. Eu sabia que os meus amigos achavam que eu tinha síndrome de Estocolmo, dadas todas as histórias que me tinham ouvido contar a respeito de Monty ao longo dos anos. No entanto, para mim, o meu emprego era mais do que lidar com as excentricidades de Monty. Era ser capaz de estabelecer a parceria perfeita entre um dos nossos escritores e um produtor ou uma incrível empresa de produção. Eram as horas que eu passara naquele escritório minúsculo a editar guiões, completamente alheada a ajudar um escritor a encontrar o seu caminho. As edições que não faziam estritamente parte do nosso serviço — simplesmente adorava fazê-las. Era um trabalho exigente, mas eu tornara-o meu. Não sabia o que faria sem ele. Não sabia quem *seria* eu sem ele. Ora ali estava um pensamento edificante.

— O Ezra tem de assinar essa adenda — disse sem pensar.

— *Tem?* — A voz de Monty, repleta de sarcasmo. — O que faria eu sem a minha sábia assistente... — Calou-se abruptamente. — Sabe — disse, num tom subitamente ligeiro —, é uma pena. Antes de todo este aborrecimento, eu ia falar-lhe em promovê-la.

O que estava ele a dizer? *Andava a considerar fazer-me agente?*

Toc-toc-toc. Dei um salto.

— Olá? Menina Summers? Ainda aí está? — Reconheci a voz do funcionário com quem falara antes. Estava do outro lado da porta. — Tenho aqui dois cavalheiros que estão a pedir para ver o Monty. — Tossiu. — Por alguma razão, ficaram com a impressão de que ele poderia estar na nossa zona VIP, e o chefe de sala é muito comichoso quanto a hóspedes não convidados. — Retraí-me culposamente. — Lamento muitíssimo, mas ele insiste de facto bastante que nos ajude a resolver o... *mal-entendido*, de modo a eles poderem sair.

— Eles não me podem ver aqui engravado. Tire-me daqui, tire-me daqui! — sibilou Monty.

— Só um minuto! — gritei para o funcionário. — Monty — disse mais baixinho —, vou precisar que empurre do seu lado quando eu disser. OK? Simplesmente confie em mim. — Firmei os pés.

Toc-toc-toc.

— Despache-se, vá lá!

— OK — disse-lhe eu. — Aos três. Um. Dois...

— Minha senhora! Tenho de insistir que saia já, ou eu terei de entrar.

Umhas quantas coisas aconteceram em rápida sucessão.

Primeiro, Monty entrou em pânico. Em vez de esperar que eu dissesse «três», atirou-se com força contra o seu lado da porta. Completamente despreparada, as mãos deslizaram-me do puxador e tive de me apoiar contra o compartimento contíguo. Como que à deiza, o funcionário louro entrou intempestivamente na casa de banho, flanqueado de Sam-e-Max. Altura, claro está, em que a porta do compartimento se abriu de rompante e Monty saiu a voar, deslizando sobre o chão molhado como se tivesse sido disparado de um canhão.

Tropeçou e caiu esparramado nos ladrilhos, aterrando aos pés do funcionário. Diga-se em seu abono, Monty levantou-se de um pulo com uma rapidez impressionante. Estava todo sujo e suado, mas sacudiu o colete, alisou o cabelo para trás e esforçou-se o mais possível por não parecer ter acabado de sair de um compartimento de uma casa de banho de senhoras a cinquenta quilómetros por hora. Quase conseguiu.

— Sam, Max, que surpresa! Estava simplesmente a ajudar a minha assistente. *Problemas de lavabos* — disse, num murmúrio, fazendo um gesto na minha direção.

Fiquei tão cor-de-rosa que me confundia com a parede.

— Ainda bem que o apanhámos — disse, possivelmente, Sam, o choque dissipando-se à medida que o seu típico positivismo se impunha. — Quase literalmente, hã? Ah! Ah! Ah! Nós só queríamos falar sobre a adenda, já que prometeu que a teria assinada hoje.

Hoje? Há quanto tempo andava Monty a arrastar isto?

Monty acenou com uma mão como se nada fosse.

— A minha assistente está a tratar disso. Tem uma reunião com o Ezra na segunda-feira logo de manhã. Ele mal pode esperar para entregar as páginas.

Fitei-o. *Tenho?* Só podia ser engano. NOB jamais me daria ouvidos. Para ele, eu tinha apenas duas funções: 1) Agendar as reuniões, e 2) Forçá-lo a comparecer a elas. Depois de o obrigar a lá estar, o meu trabalho estava feito, deixando que Monty aparecesse em grande estilo para todas as dispendiosas

refeições e sessões de copos de que ele se servia para meter coisas aborrecidas na conversa, tais como quando é que porventura se materializaria ao certo o guião que NOB fora pago para escrever.

O sorriso de Monty transbordava de descontraída tranquilização. Para benefício dos produtores, não meu.

— Eu já o convenci a assinar, por isso não se preocupem, é só burocracia — disse-me ele, verdadeira imagem de um sábio e benevolente agente aplacando uma nervosa subalterna. Parte deste trabalho era não reagir quando o patrão dizia uma descarada mentira. — Tudo o que tem a fazer é estender-lhe a caneta. — Os seus olhos azul-pálido lampejaram. — Uma boa prática para o seu próximo passo.

— Próximo passo? — repeti. Quase impercetivelmente, Monty assentiu. — Claro — disse eu, brandamente, enquanto o meu coração disparava. Ele falara a sério antes. Estava de facto disposto a promover-me. Se a agência sobrevivesse.

— De resto, havia mais alguma coisa? — disse Monty, puxando pelos punhos da camisa e brindando Sam-e-Max com o seu sorriso de marca, como se tudo estivesse tratado.

— Só mais uma coisa. — Sam-e-Max olharam Monty de alto a baixo. — O que é isso de que está coberto?

O sorriso de Monty fraquejou quando baixou os olhos para a sua figura encharcada.

O funcionário apanhou o frasco vazio do chão. Estava amachucado por ter sido pisado por Monty.

— Isto é óleo corporal, senhor.

A esta declaração seguiu-se silêncio.

À luz que se coava do restaurante, vislumbrei um reluzente rasto viscoso desde a porta do lavabo até onde Monty estava agora especado, ensopado em óleo. *Oh, não.* Eu usara o frasco errado. *Porque havia um clube privado de ter óleo corporal nos lava... Blherg!* Estremeci, arrepiada. A julgar pelas expressões profundamente desconfortáveis nos rostos de Sam-e-Max, eles estavam claramente uns passos adiantados em relação a mim.

— Sabe que mais? — disse um dos produtores. — Parece que viemos em má altura.

Ante isso, Monty recompôs-se.

— Então talvez para a próxima — disse, com a dignidade que logrou reunir —, se dignem a ligar primeiro.